

# **Antologia crítica da literatura digital brasileira**

**Profa. Dra. Rejane Cristina Rocha**

Universidade Federal de São Carlos

Centro de Educação e Ciências Humanas

Departamento de Letras

São Carlos

2021

**RESUMO:** A construção e publicação do Atlas da Literatura Digital Brasileira - primeiro e único arquivo do gênero, no Brasil - tem dado a conhecer os contornos de uma produção literária cujas especificidades são muitas: modos de produção, de circulação e de leitura, localização no interior do sistema literário, articulação com o contexto sócio-artístico-tecnológico; tais especificidades apontam para diferenças substanciais em relação àquelas discutidas e postuladas pelo referencial teórico-crítico consolidado sobre o assunto, de origem principalmente norte-americana. Este projeto de pesquisa tem como objetivo construir uma antologia crítica da literatura digital brasileira que, partindo das obras mapeadas e reunidas no referido arquivo, promova a sua análise e periodização, com vistas a compreender essas especificidades e inserir a produção literária digital na série literária brasileira e no contexto tecnológico de sua produção.

### **Antologia crítica da literatura digital brasileira**

1. Antecedentes: o Atlas da Literatura Digital Brasileira e o projeto (CNPq 405609/2018-3) Repositório da Literatura Digital Brasileira

As muitas definições de literatura digital que se produziram ao longo das últimas duas décadas (KOZAK, 2017; GAINZA, 2012; 2021; HAYLES, 2004; 2009; SANTOS, 2003)<sup>1</sup> apontam, invariavelmente, para a relação inextricável – de resto já observável no sintagma “literatura digital” – entre a mobilização poética da linguagem verbal, que se inscreve no interior da longa tradição do que a sociedade ocidental denominou como literatura, e a mobilização dos códigos digitais, estes deslocados de sua produtividade técnica, desprogramados em sua função original para, então, assumir e produzir efeitos estéticos. O movimento, que pode ser lido em termos de uma negociação, é, então, de uma mútua contaminação e, nesse caso, desestabilização: de um lado, a literatura – aqui compreendida em termos de sistema (ZOHAR, 2017), não somente de produto –, inserida no contexto digital e fazendo uso dos códigos e dos meios digitais para construir a sua expressividade, sofre desestabilizações nas distintas esferas de sua existência: na linguagem de seus produtos, na relação que estabelece com os seus leitores, no lugar que ocupa na sociedade, na metalinguagem que, ao longo dos séculos, constituiu os seus contornos, descreveu seus mecanismos, estabeleceu seu valor; de outro lado, o código informático – e também as plataformas digitais –, demovidos de sua produtividade técnico-informacional, hackeados

---

<sup>1</sup> Para um apanhado e uma discussão de algumas dessas definições, veja o verbete “Literatura Digital” (ROCHA, 2020) - (item 2 da compilação de atividades científicas).

(GAINZA, 2012) em sua função primeira, prevista pela sociedade tecnicista-capitalista, são contaminados pelo impulso estético e tornam-se componentes em laboratórios de experimentações expressivas as mais diversas.

Nesse ínterim, nem literatura, nem códigos e meios continuam os mesmos, e não podem ser compreendidos em uma relação hierárquica de servidão que frequentemente certa leitura crítica sobre a literatura pressupõe, quando da discussão a respeito dos seus “suportes”; uma discussão que pressupõe a preexistência da mensagem literária que seria, depois, alocada em dada materialidade. Concordando com Roger Chartier (2012) na sua crítica da desmaterialização da literatura, assumo, aqui, a perspectiva de que a compreensão da literatura digital deve partir dessa relação inextricável entre literatura e digitalidade, de modo que já não sejam apreendidos dois fenômenos (a literatura + o digital), mas apenas um, a literatura digital, mesmo que essa complexidade ainda acarrete dificuldades para a sua apreensão crítica.

Levar em conta essa complexidade é compreender que, se toda arte é feita com os meios técnicos do seu tempo, os meios técnicos estão inseridos em contextos sócio-históricos e culturais específicos que não devem ser preteridos no exame da literatura digital (KOZAK, 2015); sobretudo da literatura digital produzida em um país localizado na periferia do desenvolvimento tecnológico, como o Brasil.

A construção do *Atlas da Literatura Digital Brasileira*<sup>2</sup>, levada a cabo desde 2018, tem permitido reflexões importantes sobre esses temas e tem dado a conhecer um cenário muito específico da literatura digital no Brasil; um cenário que explicita não apenas os traços de uma poética como também a relação que tais traços estabelecem com a nossa tradição literária e com as nossas condições sócio-técnicas. Assim, tal cenário, composto evidentemente pelas obras literárias mapeadas, documentadas e arquivadas, mas também por outras informações reunidas pelos vários projetos<sup>3</sup> que gravitam em torno desse projeto principal, diz respeito ao perfil dos autores, às características peculiares da produção literária digital, de que forma ela circula nos meios especializados e não-especializados, como é lida, de que maneira e onde é estudada, a partir de quais parâmetros é apreciada criticamente, que relações estabelece com a literatura publicada no formato impresso e que já ocupa lugar no cânone/tradição literários brasileiros. Desse cenário também sobressaem os constrangimentos

---

<sup>2</sup> O Atlas é um dos resultados do Projeto de Pesquisa (CNPq 405609/2018-3) Repositório da Literatura Digital Brasileira, doravante Projeto RLDB. Disponível em: <https://www.observatorioldigital.ufscar.br/>

<sup>3</sup> Os projetos de pesquisa (IC, M, D e PD) derivados e/ou relacionados ao Projeto RLDM são desenvolvidos por pesquisadore vinculados ao Grupo de Pesquisa/CNPq Observatório da Literatura Digital Brasileira, sob minha liderança e sediado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A manutenção e ampliação do Atlas está sob a responsabilidade dos integrantes desse Grupo de Pesquisa, sob a minha coordenação.

técnicos e disciplinares enfrentados pelos estudiosos da literatura digital no Brasil; constrangimentos esses que vão da ausência de financiamento para a aquisição de dispositivos e materiais imprescindíveis para o estudo/ensino da literatura digital à quase total inexistência de um campo disciplinar que possibilite e/ou fomente o estabelecimento de diálogos.

Atualmente,<sup>4</sup> o *Atlas* conta com 120 obras literárias digitais mapeadas e documentadas, cujo período de produção/publicação vai de 1968 a 2021, contando com mais de 100 diferentes autores. A documentação foi feita levando-se em consideração<sup>5</sup> as possibilidades e desafios da construção de arquivos digitais no contexto da ampla digitalização da cultura e disponibiliza aos leitores imagens das obras, vídeos de navegação simulada, a reunião da fortuna crítica já existente sobre as obras e uma descrição taxonômica que, embora baseada na proposta do *Consortium on Electronic Literature* (CELL Project<sup>6</sup>), sofreu algumas alterações para atender às especificidades da produção brasileira, mas nada que alterasse profundamente a proposta, considerada, por alguns pesquisadores, como amparada excessivamente na técnica e nos dispositivos e, por isso, excludente da descrição propriamente literária das obras.<sup>7</sup> A metodologia que amparou o desenvolvimento do Projeto RLDB e que resultou no Atlas é a crítica cartográfica, que, segundo Areco (2015, p. 18), “*no es valorativa, predictiva ni definitiva, lo que significa no buscar establecer listados de mejores obras y menos aún sacar del mapa aquellas que, por los motivos que sean —comerciales, conservadoras, anticuadas o escandalosas — parecen deficientes*”. Foi o estabelecimento dessa metodologia que possibilitou o mapeamento e a documentação desse número significativo de obras em tão pouco tempo – e para os propósitos em questão, naquele momento, tratava-se de uma metodologia que se aliava bem à proposta taxonômica que, enfim, foi mobilizada para a documentação. No entanto, isso não deve ocultar o fato de que é necessário, agora, no momento em que essas obras estão reunidas em um único espaço, disponíveis para consulta e preservadas (nos termos e condições que identifiquei no artigo mencionado na nota 5), dar o passo seguinte, olhar criticamente para esse conjunto de obras,

---

<sup>4</sup> O projeto se encerra em fevereiro de 2022, mas evidentemente o arquivo permanecerá em constante revisão, ampliação e aperfeiçoamento, o que é inescapável dada a sua natureza digital e a natureza das obras que mapeia e documenta.

<sup>5</sup> A esse respeito, ver o artigo “Fora da estante: questões de arquivo e de preservação da literatura digital” (ROCHA, 2021). (item 9 da compilação de atividades científicas).

<sup>6</sup> <https://eliterature.org/cell/>

<sup>7</sup> Tal comentário tem aparecido de maneira recorrente nas apresentações (veja os itens 11, 14, 19 da compilação de atividades científicas) que tenho feito do *Atlas* para o público especializado. O último comentário foi do Prof. Dr. Manoel Portela (veja o item 11 da compilação), idealizador do Arquivo Digital do Livro do Desassossego (disponível em: <https://ldod.uc.pt/>).

inserindo-as no contexto sócio-técnico e cultural em que emergiram e, sobretudo, localizando-as na série literária e cultural brasileiras, a partir da identificação, discussão e análise das relações que elas estabelecem com a nossa tradição literária.

A multiplicidade de dados e informações sobre a produção literária digital do Brasil, reunida pelo Atlas, provoca questões que, muito embora partam das especificidades das obras, a elas não se restringem. Isso porque, ao tratar de uma literatura em iminência (CANCLINI, 2012) – iminência de ser conhecida, estudada, definida, delineada em suas características –, os elementos que parte da teoria e da crítica literárias costuma relegar a uma posição periférica, de entorno ou de contexto, são trazidos à luz, como a única forma de apreender a complexidade dessa produção. No processo de mapeamento e descrição taxonômica das obras, paulatinamente foram surgindo as especificidades da produção brasileira; especificidades essas que hoje podem ser facilmente verificadas a partir de uma consulta ao *Atlas* e que me restrinjo a enumerar, por ora: i) maior número de obras identificadas como poesia, ao invés de obras identificadas à prosa – o que parece ser um traço muito próprio da produção latino-americana<sup>8</sup>; ii) grande número de obras transcodificadas<sup>9</sup>, que revelam; iii) a relação das obras com a produção poética do Concretismo brasileiro; iv) presença constante da multimodalidade como recurso de composição<sup>10</sup>. É necessário chamar a atenção para o fato de que os itens ii, iii e iv (e, talvez, uma discussão mais detida revele que se poderia considerar o item i, também) estabelecem relação estreita com o contexto técnico de produção dessas obras, uma vez que a maioria delas foi produzida em Flash (ou programas correlatos), um *software* que possibilitava a composição de obras que unem elementos verbais e não verbais (imagens, sons e cinestesia) com relativa facilidade e que foi muitíssimo popular entre os criadores brasileiros no início dos anos 2000 (dado este que também pode ser verificado no *Atlas*). Uma hipótese aponta para o fato de que a utilização de um *software* pronto (que desobrigava os autores de construir a programação de suas obras do zero) em muito colaborou para o que se pode identificar como um “boom” da poesia digital transcodificada, no Brasil, no início do século XX – hipótese que se reforça pelas entrevistas e depoimentos de Augusto de Campos, por exemplo, em que comenta as suas

---

<sup>8</sup> Esse dado pode ser consultado no arquivo: <https://www.cartografiadigital.cl/map>

<sup>9</sup> Segundo Manovich (2005, p. 94), “*Trancodificar algo es traducirlo a otro formato. La informatización de la cultura lleva a cabo de manera gradual una transcodificación similar en relación con otras categorías y conceptos culturales*”.

<sup>10</sup> Trata-se de uma listagem muito breve, que com certeza pode ser ampliada, a partir de um olhar mais detido para o Arquivo, como já fez, por exemplo, a Dra. Manáira Aires Athayde, em fala na mesa redonda “Um arquivo para a literatura digital brasileira”, promovida pelo Doutorado em Materialidades da Literatura (Universidade de Coimbra) (2021) – (ver item 11 da compilação de atividades científicas).

criações digitais<sup>11</sup>. Outra hipótese advém do espelhamento desta: a de que a popularidade do Flash, entre os autores de literatura digital, no Brasil, se relaciona com o impulso experimental em direção a outros suportes, tão caro à tradição brasileira da poesia visual e concretista.

Outras especificidades, menos formais, ajudam a delinear a cena da literatura digital brasileira, compondo um mosaico de elementos que auxiliam na caracterização do campo e da nossa produção; por exemplo: i) a ausência de um mercado para a literatura digital brasileira, no sentido estabelecido por Even-Zohar (2017), e que ultrapassa, embora inclua, o sentido fiduciário<sup>12</sup>; ii) a prevalência de autores “de uma obra digital só” ou que não se identificam como autores de literatura<sup>13</sup>; iii) as dificuldades de manutenção dessas obras online, tarefa, na grande maioria dos casos, a cargo do autor; iv) o importante papel das revistas de poesia na publicação e divulgação da literatura digital brasileira.<sup>14</sup>

## 2. Periodização e análise

Esses dados, questões e hipóteses iniciais não raro surgiram de um embate entre as obras mapeadas e documentadas ao longo da construção do *Atlas* e o referencial crítico mais popular – quiçá canônico – a respeito do tema. Um referencial de consulta obrigatória pela sua relevância e pioneirismo no estabelecimento da metalinguagem crítica, da definição dos contornos de gênero e de campo e da periodização da literatura digital. Um referencial, no entanto, produzido em países cujas condições de desenvolvimento técnico e tecnológico em muito diferem das condições brasileiras.

Trata-se, por exemplo, da incontornável produção teórico-crítica de Katherine Hayles, autora que, juntamente com a *Electronic Literature Organization* (ELO), definiu os limites do campo e frequenta amiúde as referências bibliográficas sobre a literatura digital brasileira. Hayles propõe, em seu livro *Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário* (2009), uma definição de literatura digital – atualmente ampliada por alguns pesquisadores –, o estabelecimento de alguns gêneros a partir dos quais se poderia compreender essa produção literária e, também, uma periodização que a organiza em duas gerações: uma primeira,

---

<sup>11</sup> Ver, por exemplo, o capítulo “Do concreto ao digital” (CAMPOS, 2015).

<sup>12</sup> Desenvolvo essa reflexão em capítulo de livro intitulado “Arquivo como instituição”, que faz parte do livro *Cartografia crítica de la literatura digital latinoamericana* (GAÍNZA; MEZA; ROCHA, no prelo) – (ver item 10 da compilação de atividades científicas).

<sup>13</sup> Esse dado tem sido levantado a partir das entrevistas que se tem realizado com os autores de obras no *Atlas* (ver o item 35 da compilação de atividades científicas).

<sup>14</sup> É o caso, por exemplo, da *Revista Artéria* e da *Revista Errática*. Pesquisa de Iniciação Científica vinculada ao Observatório analisa o papel da *Revista Artéria* n.8 no que diz respeito à publicação de literatura digital no começo dos anos 2000 (ver item 37 da compilação das atividades de formação).

clássica, anterior ao surgimento da web, portanto de circulação bastante restrita, baseada sobretudo em texto (com prevalência das experiências hipertextuais) e com padrões muito próximos aos da textualidade impressa; uma segunda, contemporânea, que se iniciaria em 1995, com o aparecimento da web, quando ganhavam destaque as experiências com a multimodalidade, em que matéria verbal e não-verbal conviviam em obras com forte carga imagética, sonora e cinética.

Em paralelo às propostas de Hayles surgem as definições, periodizações e antologias da *Electronic Literature Organization* (ELO), associação que, desde 1999, tem organizado o campo dos estudos literários digitais em – e não é exagero dizer – nível mundial.<sup>15</sup> Sublinhe-se que o CELL Project e a sua proposta taxonômica foram impulsionados pela ELO, em uma tentativa de tornar mais abrangente as reflexões que se fazia em nível norte-americano; daí a ideia de consórcio, a reunir grupos de pesquisa e instituições de vários países em torno de uma ideia unificada de literatura digital.<sup>16</sup> Como mostram alguns pesquisadores<sup>17</sup>, é inegável que o lugar de vanguarda ocupado pela ELO, no início de suas atividades, na década de 90, converteu-se em uma posição de prestígio que organiza e direciona o campo. Se esse não é um problema em si, há que se estar atento para que as formulações teórico-críticas promovidas pela ELO e seus pesquisadores, bem como para as ações que, sem esse intuito, evidentemente, acabam por modelar o campo e os parâmetros com base nos quais se define e avalia o que é a literatura digital a partir de uma realidade alheia à realidade de países que, como o Brasil, experimentaram e experimentam uma outra história (de dispositivos, de *softwares*, de usos) com a tecnologia digital. Não é de se menosprezar o fato de que a literatura digital brasileira figure nos três volumes da *Electronic Literature Collection*, organizados pela ELO, com apenas 3 obras.<sup>18</sup>

Christopher Funkhouser, em dois volumes distintos, *Prehistoric Digital Poetry*, de 2007, e *New Directions in Digital Poetry*, de 2012, não se desvincula da proposta inicial de Katherine Hayles, embora tenha tido condições de, em seu primeiro livro, questionar a prevalência das manifestações hipertextuais nas obras anteriores à emergência da rede

---

<sup>15</sup> Sobre os debates que antecederam tanto a criação da ELO quanto a definição de literatura digital adotada pela organização, veja Rettberg (2019).

<sup>16</sup> As instituições e grupos que compõem o CELL Project e que, portanto, dão os subsídios para a formulação da sua taxonomia estão listados na página do projeto em: <http://cellproject.net/members>. Ressalte-se que não há nenhum grupo de pesquisa ou instituição latino-americana entre os membros do CELL Project.

<sup>17</sup> Rettberg (2012); Pereira (2021).

<sup>18</sup> Há que se saudar o esforço da ELO em incluir, no quarto número de sua Coleção (a ser publicado este ano, provavelmente), um número maior de obras de autores e autoras latino-americanos, por meio da solicitação de consultoria a especialistas (ver item 40 da compilação de atividades científicas). Para uma discussão sobre o papel dos volumes da *Electronic Literature Collection* no campo da literatura digital, consulte Pereira (2021).

mundial de computadores, mostrando que havia considerável quantidade de obras que já se aventuravam pelas experimentações multimodais, a despeito das dificuldades técnicas encontradas pelos autores, como a indisponibilidade de *softwares* para agregar distintas linguagens e a impossibilidade de transferir material sonoro com qualidade antes da *www*. A abordagem do autor permite identificar as obras da pré-história da poesia digital, produzidas entre 1950 e 1995 (o marco é, assim como em Hayles, o surgimento da rede mundial de computadores), e que mobilizam recursos computacionais. É interessante chamar a atenção para o fato de que o trabalho praticamente arqueológico de Funkhouser permitiu que ele pudesse identificar as relações entre a poesia digital produzida a partir de 1950 e a tradição da poesia modernista,<sup>19</sup> assim como explicitar que muitas das “novidades” produzidas hoje, em tempos de internet, no que tange à poesia digital, já se faziam antes, nesse período offline. Em muitos sentidos, a proposta de Funkhouser, de aliar a periodização da técnica com a reflexão sobre as obras, inspira este projeto. Inspira, não embasa, uma vez que, como tenho tentado demonstrar, as obras reunidas e documentadas pelo *Atlas* evidenciam uma realidade técnica e poética distinta que, se não invalida de todo a transposição da proposta de periodização e de categorização de Funkhouser, para a compreensão da produção brasileira, coloca inúmeras questões e exige um não menor número de ajustes.

No Brasil, o trabalho de Jorge Luiz Antonio (2010), derivado de sua tese doutoral, defendida em 2005, foi o pioneiro em propor mapeamento e periodização para a poesia digital. O monumental esforço do pesquisador é, ainda hoje, fonte incontornável de informações a respeito da poesia eletrônica e digital (o autor estabelece essa diferença) no mundo. A pesquisa resultou em um livro e um DVD (este, infelizmente, apenas parcialmente acessível) e o seu caráter extensivo não previu a análise detida das obras que elenca, tampouco detém-se na reflexão específica sobre o contexto brasileiro – tarefa que, ressalte-se, não estava entre os objetivos do autor.

Recentemente, Leonardo Flores (2021, p. 358), atual diretor da ELO, propôs uma revisão dos termos de periodização de Katherine Hayles. O autor, discutindo a divisão geracional que embasa as reflexões da autora e que, como vimos, tem influenciado outras abordagens, defende que “É hora de atualizar o modelo histórico para dar conta dessas plataformas emergentes e das práticas que elas incentivam”. Assim, recusa a distinção entre literatura digital clássica e contemporânea, argumentando que a ideia de contemporâneo pouco ajuda em uma periodização, haja vista sua não delimitação histórica. Recupera a

---

<sup>19</sup> Jéssica Pressman (2014) também parte da proposta geracional de Hayles e a desenvolve, identificando a segunda geração a um “Modernismo digital”.



proposta de Hayles, de uma primeira geração, antes da criação da rede mundial de computadores, assim como identifica o aparecimento de uma segunda geração depois dela. A diferença, enfim, é que defende que a segunda geração (ou, como admite que se possa compreender, movimento) se estende até os dias atuais e convive – agora, a novidade da proposta – com uma terceira geração que surge no momento da popularização das plataformas e APIs – momento em que, defendem alguns, começa-se a popularizar a WEB 2.0<sup>20</sup>. Seguindo as palavras do autor:

A primeira [geração], como estabelecido por meus antecessores, consiste em experiências com mídia eletrônica e digital anteriores ao advento da rede mundial de computadores. A segunda geração começa com a Web em 1995 e continua até o presente, consistindo em trabalhos inovadores criados com interfaces e formas personalizadas, publicados, principalmente, na rede. A terceira geração, a partir de 2005 até o presente, utiliza plataformas estabelecidas com bases de usuários massivas, como redes de mídia social, aplicativos, dispositivos móveis com telas sensíveis ao toque, API e webservices. [...] públicos anteriores e contemporâneos para desenvolver obras e poéticas características de seu momento geracional.

A discussão prossegue, identificando a maneira como, em cada uma das gerações, a literatura digital chega a um maior número de usuários, explodindo na terceira geração a rebote da incrível popularidade das redes sociais.

Por trás da proposta de revisão da periodicidade levada a cabo por Leonardo Flores está algo mais complexo, relacionado com uma revisão da maneira como se tem definido, compreendido e analisado a literatura digital desde sempre. Uma literatura que tem sido considerada experimental, cultivada por iniciados – ou seja, escrita e produzida por pessoas interessadas no experimentalismo que a linguagem computacional aliada à linguagem poética pode promover – pouco numerosos, frequentemente desenvolvida em “comunidades experimentais” e “laboratórios criativos” (KOZAK, 2018, p. 10-11), não raramente vinculados a instituições de pesquisa. Não se trata de, aqui, discutir e/ou questionar a validade da proposta de Leonardo Flores – com a qual concordo em seu esforço de ampliar os limites da definição de literatura digital, incluindo obras e autores que, de outra maneira, não seriam identificados como literários;<sup>21</sup> e da qual discordo no que diz respeito à sua insuficientemente ponderada assimilação das redes sociais como ambiente frutífero para a literatura<sup>22</sup> –, mas de notar que tal proposta, explicitamente ancorada na realidade sócio-técnica dos países desenvolvidos, tem sido empregada cada vez mais frequentemente para periodizar a literatura digital brasileira, sem que se façam as devidas ressalvas.

---

<sup>20</sup> Sobre a Web 2.0 ver O’Reily (2006).

<sup>21</sup> Outra discussão sobre o tema pode ser encontrada em Kozak (2019).

<sup>22</sup> Desenvolvi uma reflexão sobre o assunto na mesa redonda Plataformização da Literatura, integrante do ciclo de debates “Plataformização da Cultura” (ver item 17 da compilação de atividades científicas).

E é nesse ponto que se explicita a necessidade de estabelecer um movimento de leitura (e de periodização e análise) que parta do conjunto da produção brasileira para, assim, propor uma periodização que faça sentido a partir da nossa realidade sócio-técnica. Se não se trata de recusar *a priori* as reflexões que, como se viu, desde a década de 90, procuram entender, categorizar e historicizar a literatura digital, trata-se de um esforço em identificar o que, da nossa produção (em termos de contexto sócio-técnico, de gênero, de poética), não pode ser adequadamente descrito e apreendido a partir de uma história e de uma poética que, às vezes, está muito distante do *corpus* que se tem constituído como literatura digital brasileira. O caso da forte presença de uma poética concretista, verbivocovisual, entre as obras mapeadas e arquivadas pelo *Atlas* é um caso interessante e incontornável de análise. Como compreender e avaliar essa presença? Em que medida as transcontextualizações dos poemas concretos referem-se a uma extensão dessa poética de vanguarda na contemporaneidade? Em que medida elas podem ser lidas como, seguindo a proposta de Jessica Pressman (2014), um “modernismo digital brasileiro”? Em que sentido elas impediram/dificultaram o florescimento/desenvolvimento de outros gêneros literários digitais entre nós? (CATRÓPA; PRADO, 2020) – veja-se, por exemplo, o reduzido número de obras com hipertextos, gênero muito popular na tradição norte-americana e em experimentos de generatividade recorrentes na produção portuguesa. Há também a polêmica posição de Marjorie Perloff (2014), que vê a literatura digital como a oportunidade de plena realização do Concretismo.

Trata-se, evidentemente, de apenas algumas das questões que emergem desse conjunto de obras mapeadas pelo *Atlas*, às quais se podem responder a partir do exame crítico detido de obras selecionadas, em articulação com o seu contexto sócio-técnico de produção e com a tradição literária brasileira. Trabalho este que está por ser feito e que anima esta proposta.

### 3. Objetivo

#### 3.1 Objetivo geral

A partir das obras mapeadas e documentadas da literatura digital brasileira, bem como dos dados e reflexões sobre a configuração de seu panorama crítico e teórico, obtidos ao longo da realização do Projeto (CNPq) Repositório da Literatura Digital Brasileira, propõe-se a elaboração de uma antologia crítica.

#### 3.2 Objetivos específicos

- Periodizar a literatura digital brasileira a partir do seu contexto sócio-técnico, histórico e cultural;
- Estabelecer relações entre a literatura digital brasileira e a tradição literária e cultural brasileiras;
- Analisar as obras literárias digitais selecionadas, explicitando as suas linhas de força temático-formais recorrentes.

#### 4. Metodologia

O *corpus* a partir do qual se pretende selecionar as obras que serão analisadas pela antologia crítica aqui proposta é aquele reunido no *Atlas da Literatura Digital Brasileira*. Trata-se, como já se explicou, de um *corpus* que continua a ser ampliado pelo contínuo mapeamento e inserção de novas obras, atividades levadas a cabo pela equipe do *Observatório da Literatura Digital Brasileira*.

Os critérios de seleção das obras para a antologia, a princípio, estarão relacionados com a data de publicação (para atender ao esforço de periodização sócio-técnica), mas deverão articular, também, a representatividade da obra no interior do conjunto de obras mapeadas, no que diz respeito ao seu pioneirismo, sua relação com a tradição cultural e literária brasileiras, sua recepção crítica, sua capacidade de fazer gravitar, em torno de si, outras obras e experimentos. Trata-se de tarefa complexa, a de selecionar e antologizar com finalidades crítica e de periodização – por isso que os critérios para isso devem ser elaborados e reelaborados ao longo da pesquisa, que pressupõe a análise de um *corpus* de obras muito maior do que aquele que irá compor a antologia. Apesar dessa dificuldade, uma primeira tentativa de seleção a partir desses critérios elencados já foi realizada durante a proposição da disciplina *Literatura Digital Brasileira*, oferecida sob a minha coordenação, em colaboração com a Profa. Dra. Manaíra Aires Athayde, durante o primeiro semestre de 2021, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da UFSCar. As discussões resultantes da disciplina serão um ponto de partida importante para o afinamento dos critérios de seleção propostos. Na ocasião, as seguintes obras digitais<sup>23</sup> foram discutidas e analisadas, e a seleção se deu pelos critérios anteriormente mencionados:

- ❖ *2019 não passa: nunca mais passará* (2019), de Flávio Komatsu
- ❖ *Quarto do esquecimento* (2018), de Vinícius Rutes Henning
- ❖ *Chá* (2000), de Ana Gruszynski e Sérgio Capparelli

---

<sup>23</sup> Toda a documentação das obras pode ser encontrada no Atlas.

- ❖ *Minicontos coloridos* (2013), de Marcelo Spalding
- ❖ *450 Rio* (2018), de André Vallias
- ❖ *Minha novela* (2012), de Veronica Stigger
- ❖ *Falou que não...* (s/d), de André Vallias e Augusto de Campos
- ❖ *Um estudo em vermelho* (2009), de Marcelo Spalding
- ❖ *Srta. Kwy* (2002), de Andrea Catrópa
- ❖ *O livro depois do livro* (1999), de Giselle Beiguelman
- ❖ *Reza-Brava para São Sebastião* (s/d), de André Vallias
- ❖ *Poema bomba* (1997), de Augusto de Campos
- ❖ *Organismo* (1997), de Elson Fróes/Décio Pignatari
- ❖ *Tristessa*, Marco Antonio Pajola, 1996
- ❖ *Nem* (s/d), de Arnaldo Antunes

A relação entre a antologia e o *Atlas* é de dupla via: o *Atlas* fornece o *corpus* de obras a serem analisadas por este projeto; e este projeto, no seu esforço de análise e periodização, auxilia na ampliação do arquivo, na revisão e adensamento da sua taxonomia, na inserção de comentários críticos e outras informações que venham a ser reunidas sobre as obras arquivadas. Garante-se, assim, a manutenção, a sobrevivência e o aperfeiçoamento do arquivo digital construído com recursos públicos concedidos pelo CNPq.

A leitura e releitura de obras de referência sobre a periodização da literatura digital são pressupostas pela pesquisa, ao longo de todo o seu desenvolvimento. Livros e artigos, como os que já foram citados na introdução deste projeto, fornecem pontos de partida para questões que serão elaboradas a partir das especificidades da produção brasileira. Pretende-se, outrossim, a fim de ampliar o escopo desse referencial em direção a outras produções, que não a norte-americana, adensar a consulta à produção bibliográfica de países latino-americanos sobre o assunto – países cujas realidades sócio-técnicas se aproximam da nossa. Esse trabalho já tem sido feito desde o estabelecimento da parceria entre os projetos *Repositório da Literatura Digital Brasileira* (CNPq), sob minha coordenação, e *Cartografía Crítica de la Literatura Digital Latinoamericana* (FONDECYT), coordenado pela Profa. Dra. Carolina Gainza, da Universidade Diego Portales, no Chile. Tal parceria foi fundamental para a construção de ambos os arquivos e permitiu a minha inserção em uma rede de pesquisadores e produtores de literatura digital latino-americana com integrantes do Chile, da

Argentina, do Peru, do México e da Colômbia.<sup>24</sup> Embora não se esteja apresentando uma proposta de análise comparada entre a literatura digital brasileira e a de outros países latino-americanos, é inegável que muitas das questões propostas por pesquisadores desses países contribuem para a compreensão da literatura digital em países da periferia do desenvolvimento tecnológico. O trabalho dos pesquisadores da *Red de Literatura Electrónica Latinoamericana* são e continuarão sendo fundamentais para a reflexão sobre a literatura digital brasileira – e não é à toa que muitos deles têm se preocupado em discutir também a nossa literatura digital.<sup>25</sup> Trata-se, então, de dar continuidade e ampliar os trabalhos e reflexões que já se têm feito conjuntamente com esses pesquisadores.

Assim como se deu no projeto RLDB, trata-se de uma pesquisa que deve conduzir a outras, desdobrar-se em outras a serem conduzidas por pesquisadores vinculados ao *Observatório da Literatura Digital Brasileira*. Eu gostaria de chamar a atenção para esse aspecto verdadeiramente coletivo da produção de conhecimento, sem o qual a construção do *Atlas* não teria sido possível e/ou que restringiria em muito o alcance dos seus resultados – sobre os quais comentei brevemente antes. Para este projeto, pretende-se dar continuidade a essa metodologia de trabalho que prevê a discussão coletiva de referências bibliográficas, de problemas colocados pela taxonomia e pela metalinguagem teórico-crítica adotada pelo projeto principal e pelos projetos a ele vinculados, pelas obras que serão analisadas – algumas das quais já se constituindo como objetos de outras pesquisas derivadas.<sup>26</sup>

Os resultados parciais do projeto serão publicados em periódicos científicos e/ou apresentados em eventos acadêmicos, irão subsidiar a oferta de disciplinas de Graduação e de Pós-Graduação e, também, serão incorporados ao *Atlas*, na forma de comentários críticos sobre as obras do arquivo. Pretende-se formular ao menos 10 breves comentários críticos por ano de desenvolvimento do projeto, para que constem na ficha de descrição taxonômica sobre as obras e possam ser consultados pelos leitores interessados. Nesse processo, pretende-se testar e revisar os critérios de seleção das obras que comporão a antologia. Do total de 30 obras comentadas, serão selecionadas as obras que comporão a antologia e que terão a sua discussão e análise aprofundadas, a partir dos parâmetros anteriormente indicados e revisados na etapa anterior. A *Antologia Crítica da Literatura Digital Brasileira* resultará, após finalizado o projeto, na publicação de um livro.

---

<sup>24</sup> A colaboração mútua rendeu trabalhos em parceria (ver itens 10, 14, 19, 21, 39 da compilação de atividades científicas).

<sup>25</sup> Ver, sobretudo, a profícua produção de Claudia Kozak, pesquisadora argentina.

<sup>26</sup> Ver itens 27, 30, 32, 34, 37 da compilação de atividades científicas.

## 5. Plano de trabalho e cronograma de execução

1. Leitura/releitura de fortuna crítica que trata da periodização, da definição, dos gêneros e poéticas da literatura digital;
2. Levantamento de fortuna crítica sobre as condições sócio-técnicas brasileiras (história da disponibilização, popularização e uso de dispositivos, programas e plataformas no Brasil, bem como da sua utilização para a produção artística e literária);
3. Seleção das 10 obras/ano e redação dos comentários críticos breves a serem disponibilizados no *Atlas*;
4. Revisão/explicitação dos critérios de seleção das obras que comporão a antologia;
5. Redação dos ensaios de análise que comporão a antologia;
6. Reuniões semanais da equipe do Observatório da Literatura Digital Brasileira;
7. Oferta de disciplinas na Graduação e/ou na Pós-Graduação.
8. Preparação/revisão da Antologia para publicação.

→ 36 meses

2022												
atividade/ mês	fev	mar	abr	maio	jun	jul	ago	set	nov	dez		
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
2						X	X	X	X	X		
3								X	X	X		
6	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
2023												
	jan	fev	mar	abr	maio	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
3	X	X	X									
4						X	X					
6		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
7		X	X	X	X	X						
2024												
	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
1	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

5	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
6		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	
7		X	X	X	X	X						
8											X	X
2025												
	jan											
8	X											

#### 6. Potencial para o aumento da rede de pesquisa e impacto científico

Este projeto consiste no desdobramento de um projeto anterior, financiado pelo CNPq, e dele herda parcerias anteriormente firmadas, assim como possibilita, em horizonte próximo, outras colaborações objetivas. É o caso, por exemplo, da parceria que se está firmando com o Laboratório Masmedulab (Peru) para o restauro de obras literárias digitais brasileiras que, no momento, estão indisponíveis, dada a obsolescência dos *softwares* em que foram programadas. Ressalto, também, a minha participação na *Red de Literatura Digital Latinoamericana*, que se desdobrou em dois eventos, um sob minha organização, em colaboração com Carolina Gainza e Nohelia Meza.<sup>27</sup> Além disso, está em avaliação, pela ELO, uma proposta coletiva para a realização do seu próximo congresso internacional, a ser realizado em 2022; faço parte da equipe de proponentes, juntamente com a Profa. Dra. Giovanna Di Rosario, que a lidera, e outros estudiosos do assunto, do Brasil e do exterior: Alckmar Luiz dos Santos (Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil); Raine Koskima (University of Jyväskylä, Finlândia); David Wright (University of Nagoya, Japão); Eman Younis (Beit Berl College, Israel); Mónica Nepote, Doreen A. Ríos e Canek Zapata (Centro de Cultura Digital, México).

Por fim, devo ressaltar que este projeto se desenvolve no âmbito das atividades do Grupo de Pesquisa *Observatório da Literatura Digital Brasileira*, que reúne os pesquisadores (IC, M, D e PD) que eu tenho orientado, sobre o assunto, desde que retornei do pós-doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina, junto ao NUPILL, sob a supervisão do Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos. São estudantes provenientes dos dois Programas de Pós-Graduação aos quais estou vinculada (PPGLit/UFSCar e PPGL/UNESP-Araraquara) e de dois cursos de Letras (no caso das ICs), da UFSCar e da

<sup>27</sup> Ver item 39 da compilação de atividades científicas.

UNIFAP. Também fazem parte do rol de pesquisadores do Observatório um pós-doutorando proveniente da Universidade Estadual de Maringá, além de uma professora da Universidade Estadual de Goiás e uma pesquisadora do Centro de Estudos Portugueses da Universidade de Coimbra.

Este projeto pretende contribuir para os estudos da literatura digital brasileira com um esforço de periodização e análise inéditos no Brasil. A sua realização só se faz possível graças à construção do *Atlas da Literatura Digital Brasileira*, que tem mapeado, documentado e reunido, em um único arquivo, essa produção que antes se encontrava dispersa e corria o risco do total desaparecimento. Este projeto é uma maneira de adensar as reflexões feitas anteriormente e, sobretudo, dar continuidade à pesquisa realizada anteriormente, dedicada a um trabalho cartográfico, não analítico.

## **7. Compilação sucinta das atividades científicas e de formação desenvolvidas**

Abaixo, seguem as produções e orientações relacionadas diretamente com o projeto em questão. Outras produções podem ser conferidas no Currículo Lattes.

**Projeto em desenvolvimento** (Edital Universal do CNPq, 2019-2022, processo n. 405609/2018-3): Repositório da Literatura Digital Brasileira

### **Artigos e capítulos publicados e no prelo**

1. ROCHA, R.C; AMÂNCIO, N. R. Navegar é (im)preciso: uma leitura do romance hipertextual Terminal. ACTA SCIENTIARUM (UEM). , v.43, p.1 - , 2021.
2. ROCHA, R. C. Literatura Digital In: RIBEIRO et al. TAREFAS DA EDIÇÃO: PEQUENA MEDIAPÉDIA.1 ed.Belo Horizonte: LED - Editora-Laboratório-Letras, 2020, v.1, p. 81-84.
3. ATHAYDE, M. A.; ROCHA, R. C. A circulação da literatura no mundo on-line: os casos de Clarice Lispector e de Caio Fernando Abreu. ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. , v.1, p.1 - 25, 2020.
4. ROCHA, R.C; AMÂNCIO, N. R. compreensão e a legitimação da literatura digital brasileira: o caso da revista Texto Digital. TEXTO DIGITAL (UFSC). , v.15, p.123 - 136, 2019.
5. ROCHA, R. C. Um outro amor: uma leitura de “Amor de Clarice”, de Rui Torres. ACTA SCIENTIARUM (UEM). , v.41, p.42964 - 13, 2019



6. ROCHA, R. C Em que página você lê? Aspectos da leitura na contemporaneidade digital In: *Leitores e leituras na contemporaneidade*. 1 ed. Araraquara: Letraria, 2019, v.1, p. 28-45.
7. ROCHA, R.C. Textos que dão voltas por aí: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea. ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. , v.1, p.73 - 93, 2018.
8. ROCHA, R.C. 'Monstro esperançoso': a respeito de Oratório, de André Vallias. ESTUDOS DE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA. , p.157 - 184, 2016.
9. ROCHA, R.C. Fora da estante: questões de arquivo e de preservação da literatura digital. NUEVA REVISTA DEL PACÍFICO (ONLINE) , 2021.
10. GAINZA, C.; MEZA, N.; ROCHA, R. C. (Orgs.) Cartografía crítica de la literatura digital latinoamericana, 2021 - NO PRELO.

#### **Conferências, mesas redondas, apresentações de trabalho**

11. Palestra na mesa redonda ROCHA, R. C. ATHAYDE, M. A. PORTELA, M. Um arquivo para a literatura digital brasileira. Inst. promotora/financiadora: Doutorado em Materialidades da Literatura da Universidade de Coimbra (Portugal), 2021.
12. Comunicação **Augusto de Campos no Atlas da Literatura Digital Brasileira**, no Colóquio: *Transcrição/Trancréation/Transcriation*; Inst. promotora/financiadora: McGill Digital Humanities/NT2. Montreal (Canadá), 2021.
13. Conferência **Literatura no contexto digital**, no 2o Ciclo de Jornadas Pensando sobre la enseñanza del Portugués como lengua extranjera. Inst. Promotora/financiadora GEEPI/Ministerio da educación. Posadas (Argentina), 2021.
14. Conferência **Observatório da literatura digital brasileira**, nas Jornadas de archivo y preservación de la literatura digital latinoamericana. Inst. Promotora/financiadora: Universidade Diego Portales/UFSCar. Santiago (Chile)/São Carlos (Brasil), 2021.
15. Palestra na mesa redonda ROCHA, R. V. SALGADO, L. S. PRADO, M. R. **Entre a pandemia e a tecnologia**, no ciclo de palestras ANPOLL - frente pela vida. Maringá, 2020.
16. Palestra **A literatura além do livro**, na II Feira Literária do Instituto Federal de Pouso Alegre. Inst. promotora/financiadora: Instituto Federal de Pouso Alegre. Pouso Alegre, 2020.

17. Palestra em mesa redonda: ROCHA, R. C.; Catrópa, A.; Pereira, V. C. **Plataformização da literatura - mesa redonda**, no Ciclo de palestras “Plataformização da Cultura”. Inst. promotora/financiadora: PPG Narrativas transmídias/UFSCar. São Carlos,
18. Palestra na seção **Poesia Visual e Restauro**, do HUB Eventos. Inst. promotora/financiadora: UNB/PUC-SP/Universidade Anhembi-Morumbi. Brasília/São Paulo, 2020.
19. Comunicação **Repositório da Literatura Digital Brasileira**, no I Conversatorio Literatura Digital: archivo e preservación. Inst. promotora/financiadora: Laboratório Digital UDP. Santiago (Chile), 2020.
20. Palestra **A literatura no contexto da cultura digital**, na 31ª Semana de Letras da UNESP/IBILCE. Inst. promotora/financiadora: UNESP/IBILCE, São José do Rio Preto, 2019.
21. Palestra “**Literatura digital en Brasil: un abordaje desde el Repositorio da Literatura Digital Brasileira**” nas Reuniones de trabajo del proyecto Cartografía Crítica de la Literatura Digital Latinoamericana. Inst. promotora/financiadora: Universidade Diego Portales, Santiago (Chile), 2019.
22. Comunicação “**1, 2, 3 testando... mapas da literatura digital no Brasil, hoje**” na mesa redonda promovida pela Red de Literatura Electrónica Latinoamericana no III Simposio de la Sección de Estudios del Cono Sur (LASA). Inst. financiadora/promotora: LASA. Buenos Aires (Argentina), 2019.
23. Conferência **Em que página você lê? Aspectos da leitura na contemporaneidade digital**, na III Jornada Leitores e leituras na contemporaneidade. Inst. promotora/financiadora: FFLECH/USP. São Paulo, 2017.

#### **Orientações e supervisões**

24. Marcio Roberto do Prado. **Literatura e videogames: questões teóricas e práticas**, 2020. Pós-Doutorado (em andamento) (Estudos Literários) - Universidade Federal de São Carlos.
25. Laura Nogueira Pacheco. **Literatura entre telas: as condições de produção do romance Os Anjos de Badaró**. 2020. Dissertação (Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. CNPq.

26. Natália Cristina Estevão. **Entrecruzamento de meios: um diálogo entre o livro Os famosos e os duendes da morte e o blog Ismael Pele de Cão**. 2017. Dissertação (Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos. FAPESP.
27. Flávio Vilela Komatsu. **A poética da hipertextualidade em três objetos da Literatura Digital Brasileira**. 2021. Dissertação (Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos. CAPES.
28. Nair Renata Amâncio. **Texto Digital: um espaço para a emergente literatura digital brasileira**. 2021. Dissertação (Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos. CAPES.
29. Natália Cristina Estevão. **Texto literário, materialidade e legitimação: um estudo sobre repositórios de literatura digital**. 2019. Tese (em andamento) (Estudos de Literatura) - Universidade Federal de São Carlos. CAPES.
30. Ingrid Lara de Araujo Utzig. **Da fic ao livro: aproximações entre fandom, literatura digital e mercado editorial**. 2019. Tese (em andamento) (Estudos Literários). CAPES
31. Gabriela Goulart Gritti. **Literatura digital brasileira: cartografia da produção crítica**. 2020. Iniciação científica (Letras - Inglês) - Universidade Federal de São Carlos. CNPq
32. Taciana Gava Menezes. **Literatura digital brasileira: remediação e especificidades**. 2020. Iniciação científica (Letras - Espanhol) - Universidade Federal de São Carlos. CNPQ.
33. Carla Agnes Nunes da Silva. **Cartografia crítica da literatura digital brasileira: teses e dissertações**. 2020. Iniciação científica/ Universidade Federal de São Carlos
34. João Pedro Oliveira. **Literatura digital além do código: a produção literária nas redes sociais**. 2020. Iniciação científica/ Universidade Federal do Amapá.
35. Giovanna Maria Zago Affonso. **Literatura digital brasileira: a perspectiva dos criadores**. 2020. Iniciação científica - Universidade Federal de São Carlos. CNPq.
36. João Roberto Antunes. **Literatura digital Brasileira: construção de um glossário crítico**. 2020. Iniciação científica - Universidade Federal de São Carlos. CNPq.
37. Esther da Cunha Soares. **Literatura digital brasileira: um estudo da revista artéria 8**. 2020. Iniciação científica - Universidade Federal de São Carlos.
38. Laís Brandão Gandolfi. **Mapeamento da literatura digital brasileira: etapa 3**. 2020. Iniciação científica - Universidade Federal de São Carlos.

### **Organização de eventos**

39. ROCHA, R. C.; GAINZA, C.; MEZA, N. **Jornadas sobre arquivo e preservação da literatura digital latino-americana: novos mapas para a literatura digital na América Latina**, 2021. Laboratório Digital/Universidade Diego Portales (Santiago-Chile)/Observatório da Literatura Digital Brasileira/Universidade Federal de São Carlos (São Carlos/Brasil).

### **Outras Informações**

40. Membro do Comitê Internacional de Consultores da *Electronic Literature Collection* n. 4, 2021
41. Membro da Red de Literatura Electrónica Latinoamericana

### **Atuação institucional**

42. Vice-coordenadora do GT Literatura Brasileira Contemporânea/ANPOLL (2021-2024).
43. Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar Literatura e Sociedade (NILS) - Centro de Educação e Ciências Humanas/UFSCar (2017-atual).
44. Chefia da Unidade Especial de Informação e Memória (UEIM)-Centro de Educação e Ciências Humanas/UFSCar (2013-2017).
45. Coordenadora do LABEPPE (Laboratório de escritas profissionais e processos de edição)/UFSCar/CEFET-MG (2017-atual).

### **Atividades de Ensino**

46. **Literatura e novas mídias** - Disciplina optativa no Curso de Licenciatura em Letras/UFSCar.
47. **Literatura digital brasileira** - Disciplina oferecida no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura/UFSCar - Mestrado e Doutorado.
48. **Cultura híbrida e literatura digital** - Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE) oferecida para a comunidade acadêmica e não-acadêmica.

### **Atividades de divulgação e popularização científica**

49. **Atlas da literatura digital brasileira: Márcia Maria Cruz entrevista Rejane Rocha**, 2021 - entrevista concedida para o Festival Literário de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DTIyeGUN2Kc>
50. **Universidade lança Atlas da literatura digital brasileira**, 2021 - entrevista concedida à TV Brasil (EBC). Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2021/05/universidade-lanca-atlas-da-literatura-digital-brasileira>

## REFERÊNCIAS

- ARECO, M. **Cartografía de la novela chilena reciente**. Santiago de Chile: CEIBO ediciones, 2015.
- CAMPOS, A. DE. Do concreto ao digital. In: \_\_\_\_\_. **Poesia, antipoesia, antropofagia & cia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. s/p.
- NÉSTOR GARCÍA CANCLINI. **A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência**. São Paulo: EDUSP, 2012.
- CATRÓPA, A.; PRADO, G. Avoiding Digital Insanity: the Attachment to Constructivism in Brazilian Literature. In: GERVAIS, B.; MARCOTTE, S. (Eds.). **Attention a la marche! Mind the gap! Thinking electronic literature in a digital culture penser la littérature électronique en culture numérique**. Québec: Les Presses de l'Écureuil – ALN / NT2, 2020, 2020. p. 554–560.
- CHARTIER, R. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. São Carlos: EDUFSCar, 2012.
- EVEN-ZOHAR, I. **Polisistemas de cultura: un libro provisório**. Telaviv: Universidade de Telaviv, 2018.
- FUNKHOUSER, C. T. **Prehistoric digital poetry: an archeology of forms**. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2007.
- FLORES, L. Literatura eletrônica de terceira geração. **DAT Journal**, v. 6, n. 1, p. 355–372, 2021.
- GAINZA, C. **Escrituras Electrónicas en América Latina. Producción Literaria en el Capitalismo Informacional**. PhD Thesis—[s.l.] University of Pittsburgh, 2012.
- GAINZA, C. Nuevos escenarios literarios: hacia una cartografía de la literatura digital latinoamericana. In: MÜLLER, G.; GUERRERO, GUSTAVO; LOY, BENJAMIN (Eds.). **World editors: Dynamics of Global Publishing and the Latin American Case between the Archive and the Digital Age**. Berlim/Boston: De Gruyter, 2021. p. 331–349.

- HAYLES, N. Katherine. "Electronic Literature: What is it?" *Doing Digital Humanities: Practice, Training, Research*, 2007, p.197-226. Disponível em: <https://eliterature.org/pad/elp.html>. Acesso em: 20 de julho de 2021.
- KATHERINE HAYLES. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. 1. ed. Passo Fundo: UPF Editora, 2009.
- KOZAK, C. Comunidades experimentales y literatura digital en Latinoamérica. **Virtualis**, v. 9, n. 17, p. 9–35, 2018.
- KOZAK, C. Derivas literarias digitales:(des) encuentros entre experimentalismo y flujos culturales masivos. **Heterotopías**, v. 2, n. 3, 2019.
- KOZAK, C. Esos raros poemas nuevos: Teoría y crítica de la poesía digital latinoamericana. **El jardín de los poetas. Revista de teoría y crítica de poesía latinoamericana.**, v. 3, 2017.
- O'REILLY, T. **Web 2.0 Compact Definition: Trying Again - O'Reilly Radar**. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html>>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- KOZAK, C. Literatura digital y materialidad. Cómo se lee. **Artnodes: revista de arte, ciencia y tecnología**, n. 15, p. 90–98, 2015.
- PEREIRA, V. C. Recolher, escolher, acolher em um arquivo literário digital: o projeto da electronic literature collection como coletânea e coleção. **Fragmentum**, v. 0, n. 57, 9 jun. 2021.
- PERLOFF, M. From Avant-Garde to Digital: The Legacy of Brazilian Concrete Poetry. **Cadernos de Literatura Comparada**, n. 17, p. 11–48, 1 dez. 2007.
- PRESSMAN, J. **Digital Modernism: making it new in new media**. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- RETTBERG, J. W. Electronic Literature Seen from a Distance: The Beginnings of a Field. **Dichtung Digital**, v. 41, 2012.
- RETTBERG, S. **Electronic Literature**. Cambridge: Polity Press, 2019.
- SANTOS, A. L. DOS. **Leituras de nós: ciberespaço e literatura**. São Paulo, Brasil: Itaú Cultural, 2003.